



A realidade e a fantasia: um exame psicanalítico sobre a relação do sujeito com o objeto

Reality and fantasy: an exam about the relation between subject and objet.

Juliana Labatut Portilho^[a]

^[a] Doutoranda em Filosofia pela Universidade de São Paulo, Mestre em Filosofia pela PUC-PR, Psicóloga graduada pela PUC-PR, Psicanalista, Curitiba, PR – Brasil, e-mail: juliana_portilho@hotmail.com

Recebido: 29/11/2013
Received: 11/29/2013

Aprovado: 08/05/2014
Approved: 05/08/2014

Resumo

O conceito de fantasia foi trabalhado durante a tradição filosófica e psicológica como um recurso puramente ficcional. Foi com Freud que tal conceito recebeu a importância de mecanismo psíquico a serviço do desejo e, com Lacan, adquiriu ainda novos predicados. A proposta deste trabalho consistirá em exaltar a discussão sobre a afirmação da fantasia como recurso psíquico a sustentar a experiência da realidade dos sujeitos, em outras palavras, não existe realidade sem fantasia. Isso porque a fantasia apresenta uma especificidade, uma “autonomia comunicativa” em relação ao psiquismo. Caso assim seja, abriria um leque de possibilidades e limitações às diferentes experiências do sujeito, principalmente no que diz respeito às suas relações com os objetos do mundo. Para o desenvolvimento desse propósito serão trabalhados alguns pontos fundamentais: A realidade e a fantasia para Freud; a realidade e a fantasia para Lacan; o sonho como experiência; a arte como experiência; e a fantasia como experiência.

Palavras-chave: Fantasia. Realidade. Freud. Lacan.

Abstract

The concept of fantasy has worked in the Philosophical and psychological tradition as a purely fictional feature. It was with Freud that the concept gets the importance of a psychic mechanism in the service of desire and, with Lacan, still receives new predicates. The purpose of this work will be to elevate the discussion about the affirmation of fantasy as psychic mechanism to sustain the experience of reality to the subject - in other words, there is no reality without fantasy. That's because the fantasy has a specific quality, a certain “communicative autonomy” in relation to the psyche. If so, it would open up a range of possibilities and limitations of the different experiences of the subject, especially as regards to the relations between subject and objects of the world. For the development of this purpose will be worked a few key points: The reality and fantasy to Freud; reality and fantasy for Lacan; the dream as an experience; art as an experience; fantasy as an experience.

Keywords: Fantasy. Reality. Freud. Lacan.

Introdução

Jacques Lacan aponta, em seu Seminário III sobre as psicoses, que “a primeira apreensão da realidade pelo sujeito é o julgamento da existência, que consiste em dizer – Isso não é meu sonho ou minha alucinação ou minha representação, mas um objeto”. (Lacan, 2008, p. 178-179).

Quando Lacan afirmou a frase anterior estava retomando uma antiga discussão filosófica, a dicotomia entre interior e exterior. Ele propôs diferentes formas – especificamente aqui para a neurose e para a psicose – de dar conta da experiência da realidade. O ponto que chama atenção e que lhe deu os passos a mais em relação a sua proposta de releitura às obras freudianas foi o início das elaborações acerca do conceito de objeto.

A ideia que permeia a teoria psicanalítica sobre o objeto, que é o *objeto do desejo* (tanto em Freud como em Lacan) é a de ser sempre um objeto redescoberto dentro de um universo de objetos já constituídos. Na busca por reencontrar o objeto da sua satisfação primeira, o sujeito nunca o reencontra, simplesmente porque foi a primeira satisfação e porque o objeto não possui um representação direta na sensibilidade. O sujeito tem acesso ao desejo através da sua relação com o objeto, por uma palavra, uma imagem, ou uma ideia, por exemplo, mas o que está na origem dessa imagem, palavra, ideia, é exatamente a ausência delas, que acabam por ser vinculada a um objeto. Nessa busca frustrada, porém constitutiva, é possível assimilar a experiência da realidade.

É nesse sentido que o conceito de objeto é desenvolvido nas obras lacanianas, a partir da concepção freudiana sobre tal, sofrendo importantes inversões, as quais permitem um novo aprimoramento sobre o conceito de fantasia e, conseqüentemente, sobre a relação do sujeito no mundo. Isso ocorre porque os objetos, os *objetos do meu desejo*, não possuem correspondentes na sensibilidade, mas, mesmo assim, encontram representações em outros objetos empíricos. Trata-se de colocar a prova o exterior pelo interior, ou ainda, a realidade e para além dela.

A proposta deste artigo é, fundamentalmente, dizer que a experiência da realidade é possível graças ao mecanismo psíquico da fantasia, mas não é a única experiência do sujeito. Dentre elas propõem-se trabalhar com a experiência do sonho e a experiência estética, ambas aliadas para a discussão e

para a possibilidade de novos reconhecimentos vinculados aos processos de subjetivação.

Realidade e fantasia em Freud

Com a finalidade de aproximar o mecanismo psíquico da fantasia enquanto aliado fundamental para a experiência da realidade, torna-se pertinente retomar a discussão sobre a importância do conceito de fantasia nas obras freudianas, no sentido de como tal conceito caminhou com o próprio desenvolvimento de suas proposições psicanalítica¹.

Freud desde o início de suas elaborações teóricas estava preocupado em delimitar o que era a “realidade psíquica”. Em contrapartida, procurava firmar o seu oposto, a “realidade externa”. Esse debate teórico era fundamentalmente marcado pelos questionamentos sempre presentes em relação às diferenças entre interioridade e exterioridade no psiquismo.²

A época fundamental para o início das elaborações em torno da “realidade psíquica” ocorreu na fase da “teoria da sedução”. Esta teve origem a partir da discordância de Freud com Breuer ao tratar os fatores sexuais como sendo as causas básicas do sintoma da histeria. Breuer levantou a hipótese de que nem toda a histeria era de origem sexual, enquanto Freud, ao contrário, a partir dos relatos de suas pacientes, atribuiu o trauma a um evento sexual que teria ocorrido na realidade, na infância de suas pacientes. Freud nessa época tinha certeza sobre a existência de um evento que ocorrera na realidade, e este seria o motivo do início dos sintomas histéricos. A fantasia, nesse momento, era tratada a partir dos relatos das pacientes e poderiam ocorrer no estado de vigília ou no estado hipnótico, servindo como “fachada psíquica” para o sujeito.

Na medida em que o psicanalista ampliava sua experiência clínica e iniciava os exames de sua

¹ Existe uma confusão nas obras freudianas quando ele afirma que “Nossos sonhos nada mais são do que fantasia” (1908, 1996, p. 131). A proposta deste trabalho é estabelecer uma distinção entre as duas experiências (a da realidade e a do sonho) e para isso servir-se dos recursos, também, freudianos.

² É curioso ressaltar que mesmo com todos os seus esforços nesse sentido ele parece nunca ter abandonado suas intenções sobre um possível teste para a realidade.

autoanálise, observou que, não necessariamente, a sedução sexual ocorrera na realidade, mas que poderia ter ocorrido através da imaginação, da fantasia. Nesse momento a fantasia passou a ser considerada como fator precursor dos sintomas e não mais como “fachada psíquica”. Não importa mais para ele se o evento ocorreu na realidade ou em fantasia, mas que estivesse presente no psiquismo humano e fizesse parte do desenvolvimento psíquico sexual de todos. Freud, desta forma, reconheceu um equívoco: dali para frente ele não relacionaria mais ao *exterior* o que seria uma questão *interior*.

O conceito de fantasia pareceu influenciar o seu posicionamento em face da questão da realidade. Conceitos esses, que eram vistos até a época, como opostos; graças ao caráter imaginário da fantasia e factual da realidade. Porém, foi com o surgimento da obra *A interpretação de sonhos* (1900) que a fantasia não foi mais considerada apenas um recurso imaginário do sujeito para encobrir algo da realidade. O conceito, neste momento, foi considerado como realização de desejo e permaneceu sendo em todo o decorrer até o fim dos escritos.

Neste caminho, percebe-se um momento significativo no texto de 1915, chamado *O inconsciente*. A leitura desse texto traz a novidade de que, no percurso da afirmação do conceito de fantasia, acabou-se por defrontar com a própria elaboração do conceito de inconsciente.

Freud (1915) iniciou esse trabalho afirmando que o inconsciente é apenas um dos aspectos do elemento psíquico, de modo algum sendo suficiente para caracterizá-lo. Assim, ele estabelece uma caracterização dos outros elementos psíquicos, consciente (cs') e pré-consciente (Pcs'), procurando estabelecer a forma como ocorre a comunicação entre eles. Neste sentido, a fantasia recebe papel fundamental, como ele próprio ilustra ao dizer que as fantasias “aproximam-se da consciência e permanecem imperturbadas enquanto não dispõem de uma catexia intensa, mas, tão logo excedem certo grau de catexia, são lançadas para trás” (p. 196). Isso ocorre devido à ação do *ego*.

A proposta parece ser a de afirmar que o que definiu a forma como os sistemas funcionarão estava relacionada com a “origem” da questão, a fantasia. E é a partir dela emergirão os sonhos e os sintomas. Assim, é possível notar, diferentemente dos textos anteriores, que Freud não procurou estabelecer uma localidade para a fantasia (consciente,

pré-consciente ou inconsciente), pelo contrário, procurou mostrar o quanto ela possui uma “autonomia comunicativa”³ em relação ao psiquismo e que seu objetivo é claro, a realização de desejo a “serviço” do ego, do que ele pode suportar.

A relevância em pensar na elaboração do conceito de fantasia até esse momento dos escritos freudianos é a de que, na discussão sobre o que seria interioridade e exterioridade, Freud, a partir do recurso da fantasia, diria que independente da sua localização psíquica ela é um recurso do desejo. E mais do que isso, ela é a origem da questão dos sonhos e dos sintomas. Em outros termos, a fantasia é fundamental para as diferentes experiências do sujeito.

Lacan retomará essas elaborações freudianas para o desenvolvimento da sua proposta psicanalítica.

Realidade e fantasia em Lacan

Lacan marcará a fantasia como a relação entre o sujeito e o objeto. Dessa forma, suas elaborações em relação ao objeto acabam fornecendo os principais alicerces para a compreensão da fantasia.

O caminho percorrido por Lacan na formulação de sua nova concepção de objeto pode ser compreendido desde suas elucubrações de 1936, no texto “Para-além do *Princípio de realidade*”. Lá o referido autor propõe uma “revolução do método freudiano” em relação às psicologias e ciências póstumas à Freud e, também, contemporâneas a ele, contestando os seus supostos valores de verdade – “realidade verdadeira” e “realidade ilusória”. Para isso o mencionado autor releu o texto freudiano de 1920, “Além do princípio do prazer”, e demarcou como Freud dialogou com as supostas *ciências verdadeiras* para elaborar sua teoria. Para Lacan ocorreu o seguinte: foi reconhecida a existência de uma *realidade psíquica*, quer dizer, foi evidenciado o valor do reconhecimento da realidade externa, intrinsecamente ligada ao reconhecimento da realidade interna de nossos desejos e das nossas fantasias. Isso marcou que a possibilidade dessa relação dicotômica freudiana

³ A proposta de “autonomia comunicativa” para a fantasia, em Freud, foi desenvolvida na dissertação “Freud e a sua relação com a arte e a fantasia”.

seria por meio da tolerância de lacunas na satisfação, o que implica a ambivalência em relação ao objeto desejado, já que ele jamais será encontrado, porém, será sempre reencontrado em *objetos parciais*.

Esses *objetos freudianos*, a serem reencontrados, remetem ao primeiro objeto de satisfação da criança, o qual está fadado a nunca ser encontrado de fato na realidade, como já mencionado. Esta relação, que Freud entendeu como *sujeito-objeto*, possui uma tensão fundamental, existindo uma nostalgia que liga o sujeito ao objeto, no qual este exerce todo esforço de busca. Esta relação de conflito do sujeito no mundo, diz Lacan, representa o conflito existente entre o *princípio de realidade* e o *princípio de prazer*, que nas obras freudianas aparecem como instâncias diferentes, que se relacionam a partir da tensão latente do *princípio de prazer*⁴. Sobre isso o referido autor afirmará uma novidade: “Princípio de prazer e princípio de realidade não são descartáveis um do outro. Diria mais, eles se implicam e se incluem um ao outro, numa relação dialética” (1994, p. 14). E mais adiante,

O princípio do prazer tende, com efeito, a se realizar em formações profundamente irrealistas, enquanto o princípio de realidade implica a existência de uma organização ou de uma estruturação diferente e autônoma, condicionando que o que ela apreende pode ser, justamente, fundamentalmente diferente daquilo que é desejado. (p. 14).

Assim, o que é encontrado na relação entre princípio de prazer e realidade, “nesta relação de prolongamento”, não tem correspondência com a “tendência” – como Lacan (1994) se refere aos “analistas modernos” – de centralizar tudo em função a um objeto, mais precisamente, a um estado terminal (uma realidade última). Se assim fosse, a psicanálise poderia ser uma espécie de remédio social (p. 16-17). Como seu propósito nunca foi esse, o referido psicanalista afirma que não se pode confundir o estabelecimento da realidade com todos os problemas de adaptação que ela expõe, principalmente em relação a “objetividade e plenitude do objeto”⁵. (p. 20).

⁴ Para Freud é apenas abdicando do princípio de prazer que é possível se relacionar com a realidade.

⁵ Ao propor isso Lacan coloca em questão a relação entre sujeito-objeto freudiano, em que o “objeto perdido” teria em sua gênese a característica de plenitude.

Entre 1954 e 1955 Lacan ensaiava mais uma vez o que seria sua teoria sobre *para além da realidade* na estrutura psíquica. Para isso utilizou-se do conto de Edgar Alain Poe “A carta roubada” e, assim, nos auxilia a esclarecer sua posição.

A carta, na leitura lacaniana, só poderia ser encontrada no abandono da *intersubjetividade* para o encontro com a verdade: “é a verdade que está escondida, não a carta”. No conto, o personagem dos policiais, que supostamente tinham o dever e a competência de achar a carta, por procurarem o símbolo e não o significante correspondente à carta deixaram de dar importância à verdade: “para eles só existe realidade, e é por esta razão que eles não encontram”⁶. No final do conto, a carta estava *aos olhos de todos*, mas todos estavam cegos para o que realmente deveria ver. Em outras palavras, para além da experiência da realidade está guardado o que se tem que ver em relação à *verdade subjetiva*. A fantasia, nesse caso, é a porta de acesso, a possibilidade de enxergar.

Assim, o estatuto imaginário pelo qual a fantasia foi marcada – na tradição filosófica anterior a e em Freud – é revisto nas obras de Lacan. Isso acontece a partir das elaborações advindas de Freud que, segundo Marcuse (1999, p. 133), trouxeram a grande novidade para o conceito de fantasia perante toda a tradição intelectual da modernidade.

O reconhecimento da fantasia (imaginação) como processo do pensamento, com suas próprias leis e valores de verdade, não era uma novidade na Psicologia e na Filosofia; a contribuição original de Freud reside na tentativa de demonstrar a gênese desse modo de pensamento e sua conexão essencial com o princípio de prazer.

Quer dizer, para Freud o prazer não está mais no ego, obedecendo às suas vontades imperiais. Em virtude do *princípio de prazer* e das exigências do *princípio de realidade* a fantasia torna-se um mecanismo psíquico de mediação entre os desejos inconscientes e a realidade. Mas para Freud isso ocorre em virtude da sua potência imaginária.

Lacan desenvolve essa ideia ao propor a necessidade de desmistificar a oposição radical que existe entre o *princípio do prazer* e *princípio de realidade*, já

⁶ Seminário II, p. 254.

que “ela [princípio de realidade] consiste em resguardar nossos prazeres, cuja tendência é justamente atingir o cessamento”⁷. Assim, o *princípio de prazer e princípio de realidade* se confundem e, em consequência, a noção de fantasia, passando a ter que serem revisitados e revistos em Freud. E Lacan fez isso.

Sonho

A proposta de comentar sobre o sonho é justificada quando compreendemos este fenômeno como outra experiência possível que está além da experiência da realidade. Para isso utilizamos o exemplo trazido por Freud no seu trabalho *A interpretação dos sonhos* (1900): Um pai que, velando o corpo de seu filho morto, cai no sono. Em seu sonho o filho aparece e diz: “Pai, não vêes que estou queimando?” Quando o pai acorda percebe que o tecido que cobre o caixão do filho pegou fogo graças a uma vela que tombou.

Esse trabalho é minuciosamente analisado por Freud em 1900, porém aqui tomemos duas questões iniciais: Por que o pai acorda? Por que sai do sonho terrível para acordar em uma realidade mais terrível ainda?⁸

Lacan aponta, sobre isso, que:

Se a função do sonho é prolongar o sono, se o sonho, afinal de contas, pode se aproximar tanto da realidade que o provoca, não podemos dizer que, a essa realidade, ele poderia ter respondido sem sair do sono? – existem as atividades sonambúlicas, afinal de contas. A questão que se coloca, e que de resto todas as indicações precedentes de Freud nos permitem produzir agora, é – O que é que desperta? Não será, no sonho, uma outra realidade? (1998, p. 59).

Zizek auxilia o desenvolvimento da ideia:

Na oposição entre sonho e realidade, a fantasia está do lado da realidade, e é em sonho que nos defrontamos com o real traumático⁹ – não é que

os sonhos sejam para aqueles que não conseguem suportar a realidade, a própria realidade é para aqueles que não conseguem suportar (o real que se anuncia em) seus sonhos. (2010, p. 73).

A experiência do sonho, como explica Zizek, está *para além da realidade*. Sua relação com o desejo é estabelecida por uma ausência de objetos e, por isso, de uma possibilidade de que qualquer interpretação seja possível. Nos sonhos, diferentemente de uma das características da fantasia, não haveria como simular.

Porém, é importante ressaltar a afirmação de Lacan no Seminário XI (p. 61) ao dizer que “O real, é para além do sonho que temos que procurá-lo – que no sonho revestiu, envelopou, nos escondeu, por detrás da falta de representação, da qual lá só existe um lugar-tenente”. Lá está o real que comanda... Mas que lugar é esse?

Nesse sentido seria possível aproximar a arte da experiência da realidade e da experiência dos sonhos, “ela encenaria fantasias que são radicalmente desubjetivadas”¹⁰. Assim, essa outra experiência daria pistas sobre esse “lugar-tenente” e auxiliaria no estabelecimento de uma conclusão prévia sobre as relações possíveis entre a fantasia e as experiências subjetivas.

Arte

O diálogo entre psicanálise e arte teve origem com Freud de maneira peculiar, inédita e limitada. Peculiar e inédita porque a descoberta freudiana emergiu em face de um momento histórico no qual a filosofia e a medicina se colocavam mutuamente em causa para “fazer do pensamento uma questão de doença e da doença uma questão de pensamento”. Nesse sentido, as produções artísticas também foram repensadas, fora da representatividade clássica, em que as interpretações psicanalíticas tiveram grande contribuição, pois voltavam seu olhar para o não sentido, quer dizer, para a existência de sentido naquilo que aparentemente parecia não ter.

Mesmo que Freud tenha reconhecido na arte um *conhecimento independente* em relação ao psiquismo, e que isso tenha tido importante resultado

⁷ Seminário II, 1954; 1985, p. 112.

⁸ A proposta dessa discussão também está presente em Zizek, 2010.

⁹ O conceito de Real para Lacan é fundamental, porém nesta proposta apenas o marcaremos como *para além da realidade*.

¹⁰ Zizek, p. 73.

no seu trabalho, sua utilização na maior parte das vezes foi especulativa, quer dizer, atribuindo a arte os exames que a psicanálise lhe permitia. Nesse sentido, Badiou (2002), na proposta de uma nova leitura estética, marca alguns pontos fundamentais, por exemplo, o fato de que por mais forte que possa ser uma interpretação, o sentido que atinge jamais explicita a capacidade ao sentido. Desde essa concepção, as especulações freudianas teriam recuado em face da potência da arte, deixando-a submetida a ser mera prestadora de serviços gratuitos (p. 18). Possivelmente um dos motivos que justifique essa leitura tenha sido um excesso de interesse de Freud em estabelecer para sua teoria um rigor científico – independente da ciência que for –, e por essa razão nunca demonstrou pretensão em desenvolver uma teoria estética, mesmo que tenha fornecido para isso inspirações e formulações.

Lacan também utilizou a arte como ilustrativa para suas elaborações, porém fez algumas importantes inversões, além de não recuar em face de nenhuma de suas manifestações, as quais aparecem contribuindo de diferentes formas em sua teoria. Um dos pontos mais relevantes para esse trabalho é a elaboração do conceito de objeto vinculado à fórmula da fantasia. O objeto não é mais o mesmo, ele não tem representações diretas na sensibilidade, ao mesmo tempo encontra-se correspondentes empíricos. A arte, neste sentido, parece captar esse acesso do “impossível/possível”, de maneira exemplar. Assim, é possível introduzir o mesmo sujeito em diferentes níveis de experiência e consequentemente elevar a arte como experiência humana a ser considerada em todas as suas especificidades, para além do objeto.

Safatle (2006, p. 169) afirma que:

trata-se de compreender claramente que a arte pensa, ou seja, ela não precisa de importações de nenhuma natureza para organizar seu campo de problemas e conceitos que gravitam em torno das obras. Dizendo de uma maneira mais clara, as obras produzem seus próprios conceitos e são eles que devem orientar nossa confrontação inicial com as obras (e não os conceitos psicanalíticos).

A proposta é pensar a arte como outra experiência humana possível, que se serviria dos recursos da fantasia (ser acesso e fachada) e dos sonhos (imagens que possibilitam qualquer interpretação) em

suas expressões e que são objetos empíricos. Neste sentido, Safatle (2006, p. 170) explica que:

as obras de arte fornecem a imagem do modo com que os sujeitos podem estabelecer identificações, relações de objeto e reconhecer afinidades miméticas com o que se põem como Outro. Nesse sentido, elas disponibilizam figurações para problemas mais gerais da subjetivação.

E continua o referido autor: “compreender as obras como formalizações de processos de subjetivação permite a psicanálise repensar os modos de subjetivação disponíveis à clínica a partir de uma certa configuração da reflexão estética sobre a arte” (p. 170).

Assim, a obra de arte apresenta sua especificidade na manifestação do seu objeto, do produto resultante de uma experiência exemplar, a qual não equivale a da realidade e tampouco a dos sonhos, mas pode evidenciar ambas as manifestações.

Conclusão

A fantasia, a partir de Freud e, principalmente, com Lacan, pode ser pensada enquanto o melhor aliado do sujeito para dar conta da experiência da realidade.

Dito que a realidade é uma das experiências possíveis, outro argumento à discussão seria estabelecer o comparativo entre as outras experiências possíveis, dentre elas o sonho e a arte.

Na experiência do sonho em contrapartida com a realidade seria, nessa proposta, a realização de um desejo, enquanto a realidade encenaria o desejo. Isso quer dizer que na realidade, pela relação que o sujeito apresenta com o objeto, o desejo pode e é “representado”, “encenado”. No sonho há uma *desobjetalização* (uma retirada dos objetos). O objeto perdido tem como uma de suas características a imagem e quando “caído” no sonho a imagem perde sua significação.

Por último, existe a experiência estética. A ela poderia ser pensada a vivência de uma experiência que, com toda a sua especificidade, remeteria o sujeito às representações objetivas empíricas ao mesmo tempo em que há uma *desobjetalização*, como nos sonhos. Por isso, essa experiência estética daria lugar a qualquer interpretação possível. O artista viabilizaria essa experiência que é distinta

da experiência da realidade e dos sonhos por, quem sabe, apoderar-se do recurso do mecanismo da fantasia como aliado fundamental.

Referências

- Badiou, A. (2002). *Pequeno manual de inestética*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Coutinho, J. (2005). *As quatro dimensões do despertar – sonho, fantasia, delírio e ilusão*. Rio de Janeiro: Agora.
- Irwin, W. (2008). *Matrix: bem-vindo ao deserto do real*. São Paulo: Madras.
- Freud, S. (1996). *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1915)*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1998). *La interpretación de los sueños* (Vol. 4). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1900).
- Lacan, J. *O Seminário: as psicoses – livro 3 (1953-1955)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1995). *O Seminário: a relação de objeto – livro 4 (1956-1957)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998). *O Seminário: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise – livro 11 (1964)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1999). *O Seminário: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise – livro 2 (1957-58)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1999). *O Seminário: as formações do inconsciente – livro 5 (1957-1958)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Marcuse, H. (1999). *Eros e a civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud (8a ed.)*. Rio de Janeiro: JC Editora.
- Quinet, A. (2004). *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Safatle, V. (2006). *A paixão do negativo: Lacan e a dialética*. São Paulo: Unesp.
- Zizek, S. (1996). From Virtual Reality to the Virtualization of Reality. In: T. Drukery (Ed.), *Electronic Culture: Technology and Visual Representation* (pp. 290-295). New York: Aperture.
- Zizek, S. (2010). *Como ler Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.